

RUBEM BRAGA

HISTÓRIAS VARIAS

AS histórias que se ouvem na Cidade Livre são tôdas de enriquecimentos súbitos; o italiano que acampou com a família debaixo de uma árvore e hoje tem uma churrascaria, um cinema, não sei que mais; o sujeito que chegou há um ano com um caminhão velho e já tem quatro novos, etc. Naturalmente dos fracassados, dos vencidos, ninguém fala, nem se lembra...

Na parte alta da avenida há um trecho com tres de Wall Street, o Banco do Brasil e mais quatro outros já se instalaram ali em elegantes sedes de madeira, as empresas de aviação abrem suas agências. O surto comercial tem um grande apoio: ninguém paga imposto nenhum. Também praticamente não existe serviço público, cada casa que arrume um meio de se iluminar e cozinhar, a Cidade Livre é ferocemente individualista. Eu me pergunto que haverá quando chegar o momento de acabar com essa favela feérica...

O pior é que aqui e ali, sem licença de ninguém, outras favelas vão surgindo; se não houver um policiamento constante — e as autoridades me pareceram um tanto displicentes nesse ponto — serão criados problemas difíceis de resolver, por envolverem fatores humanos. Seria desejável que a Novacap fosse mais exigente com os empreiteiros e construtores em relação ao trato que eles dão aos operários. No alojamento do Instituto dos Bancários, onde ficamos, esse trato é bom. Os trabalhadores estão alojados com decência, recebem macacões, têm um restaurante de comida tarta e sadia que custa a cada um 1.200 cruzeiros por mês, e ganham em média o dôbro do Rio. Contam-me, entretanto, que no acampamento dos americanos, enquanto os engenheiros e técnicos exigem um grande conforto, cada um com sua geladeira, etc., os trabalhadores nacionais habitam favelas ignóbeis. Não culpemos os americanos, eles devem achar que «no Brasil é assim», e não faltará brasileiro sem consciência que lhes diga isso: mas as autoridades estão no dever urgente de exigir condições de conforto mínimo para os trabalhadores, não apenas ali como em outros alojamentos. A Novacap precisa de um departamento que cuide, e enérgicamente, dessas coisas.

Já falei dos americanos, confesso que não me convenceram os argumentos há tempo usados pelo sr. Israel Pinheiro para justificar a encomenda a eles das estruturas metálicas de numerosos edifícios, inclusive dos Ministérios. O fato de ter sido de cimento armado, e feito por brasileiros, o primeiro edifício a ter sua cumieira inaugurada dentro do Plano Piloto (por contrato feito meses depois do famoso contrato com os americanos) mostra que se as empresas brasileiras de construção tivessem sido chamadas a tempo a Praça dos Três Podêres poderia estar bem mais adiantada. Não acho que tudo deva ser feito obrigatoriamente pelos brasileiros; a empresa, por exemplo, é serviço que os americanos fazem com mais conhecimentos técnicos e melhores recursos; e mesmo a abertura de estradas, para o que eles dispõem de recursos que não temos. Mas estrutura de edifício com aço e engenheiro importados me parece luxo sem explicação aceitável nesta pátria amada do cimento armado.